

Gunnar Myrdal e o princípio da causação circular cumulativa: uma análise a partir dos trabalhos de Allyn Young, Nicholas Kaldor e Thorstein Veblen

Kaio Glauber Vital da Costa

Doutorando em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ)

Endereço eletrônico: kaio.economia@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente estudo é revisitar e reavaliar os desenvolvimentos teóricos de Gunnar Myrdal a partir do ponto de vista da teoria da causação circular cumulativa (CCC). No que diz respeito à história da teoria da CCC, Myrdal é sempre situado entre Allyn Young e Nicholas Kaldor. Contudo, argumentamos que há três diferentes correntes da teoria da CCC: i) a teoria desenvolvida por Young-Kaldor; ii) a teoria exposta por Veblen; e iii) a teoria de Wicksell. A teoria da CCC de Myrdal é uma teoria do desenvolvimento relacionando fatores econômicos, políticos e institucionais, além de elementos do lado da oferta e da demanda. Nesse sentido, a hipótese do estudo é a de que a teoria da CCC de Myrdal está situada entre as teorias de CCC desenvolvidas por Young-Kaldor e Veblen, permitindo, portanto, a elaboração de uma teoria do desenvolvimento econômico mais robusta do ponto de vista analítico.

Palavras-chave: Gunnar Myrdal; Causação circular cumulativa; história do pensamento econômico.

Abstract

The aim of this study is to revisit and reassess the theoretical developments of Gunnar Myrdal from the point of view of the theory of circular and cumulative causation (CCC). Concerning to the history of CCC, Myrdal is always situated between Allyn Young and Nicholas Kaldor. However, we argue that there are three different currents of the theory of CCC: i) the theory developed by Young-Kaldor; ii) the theory exposed by Veblen; e iii) the theory Wicksell. The Myrdal's theory of CCC is a theory of the development relating economics, politics and institutional factors, as well as elements from supply-side and demand-side. Thus the hypothesis of the study is that the theory of Myrdal CCC is situated between the theories developed by CCC Young-Kaldor and Veblen, therefore, allowing the development of a theory of economic development more robust analytical point of view.

Key-words: Gunnar Myrdal; circular and cumulative causation; history of economic thought.

JEL classification: B2; B31; B52

1. Introdução

É sempre afirmado que a economia neoclássica foi desenvolvida a partir da noção de “equilíbrio econômico”. Nesta teoria, o mecanismo de preços atua como instrumento coordenador das decisões dos agentes econômicos, de modo que o mercado tende necessariamente ao equilíbrio. Isso significa dizer que se o desequilíbrio existe, será um estado temporário, desaparecendo através dos próprios mecanismos de mercado. Assim, o processo de mudança econômica ou estrutural é explicado por fatores exógenos, ou seja, variáveis que não são explicadas pelo modelo. Contudo, neste estudo argumentamos que a teoria da causação circular cumulativa (doravante, CCC) explica o processo de mudança econômica ou estrutural a partir de fatores endógenos ao modelo.

A pesquisa em torno da teoria da CCC ainda hoje é bastante reduzida. O trabalho de Toner (1999) pode ser considerado, dentro deste contexto de “estagnação” teórica da CCC, uma exceção. Toner (1999) reconhece Allyn Young, Rosenstein-Rodan, Alfred Hirschman, Gunnar Myrdal e Nicholas Kaldor como teóricos da CCC e compara suas teorias a partir de três conceitos: retornos crescentes, economias externas e complementaridades (especialmente no consumo e produção). Embora o trabalho de Toner (1999) analise a teoria da CCC a partir da ótica de uma teoria de crescimento, o autor não consegue integrar a teoria da CCC dentro de uma teoria do desenvolvimento econômico como exposto inicialmente por Young, Rosenstein-Rodan, Myrdal e Kaldor.

O principal objetivo deste artigo é reavaliar a teoria da CCC de Myrdal, estabelecendo relações com os trabalhos de Young, Kaldor e Veblen. Assim, ao contrário da tese sustentada por Toner (1999) de que a teoria da CCC é apenas uma teoria do crescimento econômico, formulamos uma hipótese alternativa afirmando que a teoria da CCC é uma teoria do desenvolvimento econômico como exposto por Myrdal (1972). Ademais, com base no estudo de Pluta (2009) e O’Hara(2009), mostramos como a teoria da CCC de Myrdal está situada entre as teorias de CCC elaboradas por Young (1929), Kaldor (1966) e Veblen (1898).

O artigo está estruturado em duas seções além desta introdução e das considerações finais. Na seção 2, é apresentada brevemente a origem e o desenvolvimento da teoria da CCC. Nesta seção, apresentamos as teorias de CCC elaboradas por Young-Kaldor, Veblen e Wicksell. Por fim, na seção 3 temos um exame

crítico da teoria da CCC elaborada por Myrdal (1957), mostrando como esta possui interligações com as teorias da CCC expostas por Young, Kaldor e Veblen. Assim, pretende-se mostrar como a teoria da CCC de Myrdal integra fatores de ordem econômica e não econômica para explicar o processo de desenvolvimento econômico.

2. As origens e desenvolvimentos da teoria da causação circular cumulativa

2.1 Young-Kaldor: a teoria da causação circular cumulativa a partir da noção de economias de escala

A teoria da CCC teve sua primeira elaboração¹ no artigo pioneiro de Allyn Young chamado “*Increasing Returns and Economic Progress*”, publicado em 1928. Esta tese foi escrita com o intuito de discutir os efeitos dos retornos crescentes, que foram verificados no setor industrial, sobre a dinâmica macroeconômica. Podemos traçar as origens da teoria da CCC desenvolvida por Young a partir dos trabalhos de Adam Smith (1996), “A riqueza das nações”, e Alfred Marshall (1996), “Princípios de economia”. A famosa teoria da divisão do trabalho advogada por Smith (1996) descrevia as seguintes três teses: i) a divisão do trabalho impacta positivamente sobre a produtividade; ii) a divisão do trabalho ocorre porque os homens possuem uma propensão à troca; iii) o grau de divisão do trabalho depende da extensão do mercado. Então, Marshall (1996) desenvolveu a teoria das “economias de escala” ou “retornos crescentes” em nível da firma ou de uma indústria específica, que estava implícito no trabalho de Smith (1996). Marshall (1996), em seu contexto histórico, insistiu que a ideia de retornos crescentes era compatível com a ideia de um mercado competitivo.

Embora Young sofresse forte influencia da teoria de Marshall sobre retornos crescentes, ele desenvolveu a sua original teoria de retornos crescentes em nível macroeconômico se referindo principalmente a ideia de Adam Smith sobre a divisão do trabalho² (McCombie; Roberts, 2009). Young defendeu duas formações da divisão do trabalho em seu período, a década de 1920: primeiro o que chamou de método “indireto” de produção e, em segundo, divisão do trabalho entre indústrias. Ademais, o

¹ De acordo com Holt e Pressman (2009), o princípio da causação cumulativa circular foi aplicado pela primeira vez em uma análise econômica no “*Tableaux Économique*” [1759] de François Quesnay. Uma revisão completa das origens do conceito de causação circular cumulativa pode ser encontrada nos trabalhos de Toner (1999) e Berger (2009).

² Para McCombie e Roberts (2009), o conceito de retornos crescentes foi posteriormente desenvolvido por autores como Kaldor, Rosenstein-Rodan, Myrdal e Hirschman. Ainda de acordo com os autores, “*both Myrdal and Hirschman stressed how growth was initially spatially polarized and only later gave rise to spread or backwash effects to the surrounding areas*” (McCombie; Roberts, 2009, p. 17).

autor ainda insistiu que o fenômeno dos retornos crescentes ocorre em nível macroeconômico, possibilitando, portanto, mudanças qualitativas e quantitativas na economia, que possibilitam a emergência de novas indústrias e novos métodos de produção.

De acordo com a teoria da divisão do trabalho elaborada por Smith (1996), a direção de causalidade do aumento na demanda por bens (a expansão do mercado) para o aumento na oferta de bens (o desenvolvimento da divisão do trabalho) está diretamente ligada à terceira tese, o grau de divisão do trabalho depende da extensão do mercado. Contudo, Smith mostrou certa ambiguidade quanto à possibilidade de uma causalidade na direção oposta, a extensão do mercado limitar a divisão do trabalho. Na verdade, Smith não deixou claro o que determina o tamanho do mercado. Tendo em vista esta lacuna na teoria de Smith, Young insistiu que o tamanho do mercado é determinado pelo volume da produção, mostrando uma clara influência do conceito de demanda recíproca exposto por Mill (1852) e Marshall (1996)³.

Young conectou a terceira tese de Smith ao conceito de demanda recíproca. Isto significou uma nova visão do crescimento econômico baseado na teoria da CCC. Young (1928, p. 533) concluiu que “*Adam Smith’s dictum amounts to the theorem that the division of labour depends in large part upon the division of labour*”. Esta afirmação é mais do que uma mera tautologia. Na verdade, Young (1928, p. 533) afirmou que o processo de crescimento econômico sobre a condição de retornos crescentes é “*progressive and propagates itself in a cumulative way*”.

Durante as décadas de 1960 e 1970 Kaldor desenvolveu a sua versão da teoria da CCC como uma teoria do crescimento econômico de longo prazo⁴. A teoria da CCC desenvolvida por Kaldor possui fortes influências do trabalho pioneiro de Young (Holt; Pressman, 2009). Kaldor (1972) elaborou sua versão de um processo circular e cumulativo a partir do trabalho de Young (1928), enfatizando a ideia de Smith de que a divisão do trabalho é determinada pelo tamanho do mercado. Para Kaldor (1970, 1972),

³ Scumpeter (2006) mostra que o conceito de demanda recíproca foi originalmente desenvolvido por Ricardo (1996), no livro “Princípios de economia política e tributação” e Mill (1852), em seu livro “*Principles of political economy with some of their applications to social philosophy*”. A demanda recíproca pode ser definida como a quantidade de produtos exportados que um país trocará, dado os diferentes níveis dos termos de troca, por quantidades variáveis de importação.

⁴ Holt e Pressman (2009) afirmam que foi Hicks quem apresentou Kaldor à ideia de causação circular cumulativa, exposta no livro de Myrdal chamado “*Monetary equilibrium*”, de 1933. “*Kaldor also worked for Myrdal in the 1940s as Director of the Research and Planning Division of the Economic Commission for Europe, part of the UN, created to administer Marshall Aid and assist in the reconstruction of Europe after the Second World War*” (Holt e Pressman, 2009, p. 80).

isso não significava uma mera tautologia. O crescimento da produção provoca um maior nível de especialização intra e entre firmas, resultando, portanto, em aumento na produtividade e no tamanho do mercado. Assim, “*as Young put it, with increasing returns change becomes progressive and propagates itself in a cumulative way*” (Kaldor, 1972, p. 1244).

Ainda que possam ser observadas diferenças entre as duas teorias, de Young e Kaldor, o mecanismo de crescimento econômico em ambos os autores é explicado por um círculo virtuoso, observado em nível macroeconômico, entre oferta e demanda a partir das economias de escala, especialmente no setor industrial.

2.2 Veblen: a teoria da causação circular cumulativa a partir do ponto de vista da escola institucionalista

A segunda origem da teoria da CCC pode ser encontrada nos trabalhos de Veblen. A teoria da CCC de Veblen está centrada nas “mudanças institucionais” e é explicada por uma relação entre o indivíduo e a estrutura social. Veblen em seu artigo “*Why is economics not an evolutionary science*”, escrito em 1898, criticou a ciência econômica por não incorporar elementos evolucionários às suas análises. Veblen (1898, pp. 377-378) insistiu na necessidade de elaboração de “*theories of a comprehensive process by the notion of a cumulative causation*”. Em sua crítica aos economistas clássicos, Veblen (1898, p. 10) afirma que,

For the purpose of economic science the process of cumulative change that is to be ac-counted for is the sequence of change in the methods of doing thing, — the methods of dealing with the material means of life.

Para Veblen (1898), a economia clássica estava baseada na filosofia do direito natural e no utilitarismo. Assim, tal economia concebia a natureza humana como algo a priori e o processo de mudança econômica como tendo uma direção e finalidade também a priori. Nesse sentido, os teóricos austríacos como Carl Menger concebiam a natureza humana em termos hedonísticos⁵, “*that is to say, in terms of a passive and substantially inert and immutably given human nature*” (Veblen, 1898, p.11). Contudo,

⁵ Em uma passagem posterior do mesmo trabalho, Veblen (1898, p. 11) assim define a concepção hedonista: “*the hedonistic conception of man is that of a lightning calculator of pleasures and pains who oscillates like a homogeneous globule of desire of happiness under the impulse of stimuli that shift him about the area, but leave him intact. He has neither antecedent nor consequent. He is an isolated definitive human datum, in stable equilibrium except for the buffets of the impinging forces that displace him in one direction or another.*”

Veblen se posicionava contra essa visão, afirmando que o ser humano possuía uma existência ativa, e não passiva como apregoava os economistas clássicos. Assim, “*the changes that take place in the mechanical contrivances are an expression of changes in the human factor*” (Veblen, 1898, p.10). De acordo com Veblen, não existiria uma natureza humana determinada a priori, pois os indivíduos mudam de acordo com as mudanças no ambiente socioeconômico.

A teoria da CCC elaborada por Veblen tentava explicar as mudanças nos mecanismos institucionais que determinam a evolução socioeconômica. O termo “evolução” não indica um caminho em direção a algum estado de equilíbrio, possuindo um significado de constante mudança em dado ambiente. Na teoria da CCC de Veblen, o pensamento de um indivíduo e o padrão de seu comportamento se modifica de acordo com as alterações da estrutura social. Assim, Veblen propunha uma teoria da CCC: o indivíduo e a estrutura social estão relacionados de um modo circular e cumulativo.

Changes in the material facts breed further change only through the human factor. It is in the human material that the continuity of development is to be looked for; and it is here, therefore, that the motor forces of the process of economic development must be studied if they are to be studied in action at all. Economic action must be subject matter of the science if the science is to fall into line as an evolutionary science (Veblen, 1898, p.10).

An evolutionary economics must be the theory of a process of cultural growth as determined by the economic interest, a theory of a cumulative sequence of economic institutions stated in terms of the process itself (Veblen, 1898, p. 14).

A teoria da CCC de Veblen afetou profundamente a metodologia da escola institucionalista. Originalmente, a teoria da CCC proposta por Veblen possuía poucos pontos de contato com os desenvolvimentos analíticos de Young e Kaldor. Um desses pontos em comum é a importância atribuída ao fenômeno dos retornos crescentes⁶, que ganharia contornos analíticos melhor definidos no trabalho de Young (1928) “*Increasing Returns and Economic Progress*”. Enquanto Veblen colocou ênfase nos aspectos institucionais, Young e Kaldor praticamente não levaram em consideração tal elemento da dinâmica social. Contudo, as análises de Young-Kaldor e Veblen não são mutuamente excludentes. Na verdade, podemos encontrar algumas análises que tentam

⁶ De acordo com McCombie e Roberts (2009), no livro “*Imperial Germany and the Industrial Revolution*”, lançado em 1915, Veblen utiliza o conceito de retornos crescentes para explicar o processo de catching up da Alemanha em relação à Inglaterra. De acordo com McCombie e Roberts (2009), Veblen aponta o fato de a Inglaterra estar presa (*locked*) dentro de uma tecnologia obsoleta (*railway system*) como o principal motivo para o atraso (*falling behind*) da Inglaterra em relação à países como Estados Unidos e Alemanha.

integrar dentro de um mesmo corpo teórico características das duas correntes (Fajnzylber, 1990; Edquist, 1997; Freeman, 1997; Cimoli et al., 2005).

2.3 Wicksell: a teoria da causação circular cumulativa a partir da teoria monetária de Wicksell

A terceira origem da teoria da CCC pode ser encontrada na teoria monetária de Wicksell. Embora não seja usual incluir esta abordagem no contexto da teoria da CCC, é necessário mencionar esta corrente porque a teoria do processo cumulativo influenciou direta ou indiretamente muitas teorias monetárias, inclusive o próprio Myrdal.

Wicksell (1986) argumentava que se o preço de um bem aumenta, isto seria explicado através de um aumento na demanda ou de uma diminuição na oferta por aquele bem, então se os preços de todos os bens sobem, este fenômeno seria explicado pelo mesmo mecanismo. Contudo, Wicksell apontava para a existência da “lei de Say”. Nesse sentido, para Wicksell, essas discrepâncias entre a oferta e procura invalidaria a “lei de Say”.

Em seu livro “Lições de economia política”, escrito em 1911, Wicksell formulou dois conceitos de taxa de juros: a taxa de juros monetária e a taxa de juros natural (Costa, 2010; Gontijo, 2011; Soromenho, 2012). Enquanto o primeiro conceito reflete o lado monetário, o segundo reflete as forças operando do lado real da economia. Nesse sentido, Wicksell assumiu que a “lei de Say” só seria válida quando aquelas duas taxas de juros fossem iguais. No entanto, para Wicksell, em uma economia monetária esse seria um caso especial. Assim, a análise de Wicksell sobre os mecanismos que levam a modificações nos preços partia do pressuposto de que as duas taxas de juros, a monetária e a natural, são diferentes.

Para Wicksell (1986, p. 277), o processo cumulativo ocorre da seguinte forma:

O que, porém, vem a ser o mais importante é que a alta de preços, seja ela grande ou insignificante no início, não pode cessar enquanto continuar agindo a causa que deu origem a alta; expresso de outra maneira, enquanto a taxa de juros permaneçam abaixo do nível normal. Se ocorrer uma alta dos preços de todos os bens e serviços, surgirá um novo nível de preços, que constituirá a base e o ponto de partida de toda reflexão econômica e de todo acordo.

Em seguida, de acordo com Wicksell (1986, p.278), quando entram em jogo

forças de suficiente intensidade para deslocá-la de sua posição de equilíbrio, não se apresentará uma tendência de que volte para a

mesma posição, mas se as forças que a movem – nesse caso quer dizer a diferença entre a taxa real ou normal dos empresários e a taxa atual – deixam de atuar, permanecerá em nova posição de equilíbrio, também instável.

Então, se a taxa de juros monetária fica em um patamar acima da taxa natural de juros, o resultado será um aumento no nível de investimento das firmas. A ocorrência desse fenômeno significa que a demanda agregada será maior do que a oferta agregada. Neste contexto, cada firma percebe que existe a possibilidade de fixar os preços de seus bens em um nível mais elevado. Contudo, em termos macroeconômicos isso indica que as firmas esperam um nível de preços maior no futuro. O resultado final é um processo circular e cumulativo entre maiores investimentos e maior nível de preços: o processo cumulativo que leva à inflação. Por sua vez, se a taxa monetária de juros é maior do que a taxa natural de juros, teremos o efeito oposto: um processo cumulativo que resulta em uma deflação. Portanto, sempre que houver discrepância entre as duas taxas de juros tais processo cumulativos continuarão de modo indefinido (Almeida, 2009).

Para Carvalho et al. (2001, p. 43),

Wicksell desenvolveu uma análise do processo cumulativo em que os movimentos no nível de preços são atribuídos à discrepância entre as duas taxas de juros. Em particular, quando a taxa de juros de empréstimos permanecer abaixo da taxa natural, o investimento planejado excede a poupança. Isso resultará num aumento no nível de preços, uma vez que os bancos acomodem a demanda adicional de crédito, gerando um excesso de demanda agregada que pressiona os preços para cima.

Assim, teríamos duas causas principais para o desencadeamento do processo inflacionário ou deflacionário, a discrepância entre as taxas de juros e o reajustamento das expectativas. Uma vez que os indivíduos esperam um maior nível de preços no futuro, então temos como resultado um movimento de subida cada vez mais rápida dos preços,

as long as the change in prices (...) is believed to be temporary, it will in fact remain permanent; as soon as it is considered to be permanent, it will become progressive, and when it is eventually seen as progressive, it will turn into an avalanche (Boianovsky e Trautwein, 2004, p. 10).

Wicksell influenciou o posterior desenvolvimento das teorias monetárias, especialmente o estabelecimento da Escola de Estocolmo (Costa, 2010). A influência dos trabalhos de trabalho de Wicksell sobre a Escola de Estocolmo também se estendeu

aos trabalhos de Myrdal, que participou desta escola no início de sua carreira acadêmica (Gumiero, 2011)⁷.

Esta seção teve por objetivo mostrar três teorias da CCC que serviram de base para o posterior desenvolvimento da teoria da CCC de Myrdal. Na próxima seção faremos uma análise crítica da teoria da CCC elaborada por Myrdal, de modo a mostrarmos como Myrdal elaborou uma teoria do desenvolvimento econômico a partir de fatores econômicos e não econômicos.

3. O processo de desenvolvimento e de causação circular cumulativa de Gunnar Myrdal

No prefácio do livro *“Economic Theory and Underdeveloped Regions”*, publicado em 1957, Myrdal escreve *“the argument moves on a general and methodological plane in the sense that the theory is discussed as a complex of broad structures of thought”* (Myrdal, 1957, p. vii). O objetivo de Myrdal era proceder a *“broad generalisations, as a ‘theory’ is permitted to be, (in order to) grasp the social facts as they organize themselves into a pattern when viewed under a bird’s-eye perspective”* (Myrdal, 1957, p.41). Dentro desta visão inicial, as características gerais do processo de desenvolvimento de toda a economia podem ser facilmente montadas⁸. Entretanto, o fornecimento de dados ou outras informações sobre economias individuais estavam além do escopo de seu trabalho⁹.

Myrdal utilizou as expressões “abordagem”, “teoria” e “teoria geral” como sinônimos. Em trabalhos posteriores a *“Economic Theory and Underdeveloped Regions”*, porém, Myrdal adotou principalmente o termo “abordagem”, definindo-o como algo contendo, entre outras coisas, teorias. Myrdal explicou que o termo “abordagem” significa uma coleção de instrumentos como *“the concepts, models, and*

⁷ Segundo Gumiero (2011, p.62), “as influências que marcaram o pensamento de Myrdal são da escola sueca de economia como Knut Wicksell, Gustav Cassel, Hecksher. O termo utilizado por Wicksell, ‘causação circular cumulativa’ em sua obra *“Juros e Preços”* (1898) foi significativo para o pensamento de Myrdal, que a redefiniu”. Para Holt e Pressman (2009), Wicksell teria revitalizado a ideia de causação circular cumulativa, quando analisou o que acontece quando as taxas de juros de mercado e natural divergissem.

⁸ Entre as características que são relevantes para o processo de desenvolvimento de uma economia Myrdal mencionou a disponibilidade de recursos naturais, as tradições históricas da atividade produtiva, a coesão nacional, religiões e ideologias, e a liderança política, econômica e social (Myrdal, 1957).

⁹ Myrdal (1957, p. 50) argumentou que: *“I shall (...) be interested only in the broadest structure of essential facts and causal relations, not, at this stage, in particular cases. The general theory of underdevelopment and development, for which I am reaching should explain those facts and relations which are common and essential”*.

theories we use, and the way in which we select and arrange observations and present the results of our research” (Myrdal, 1970, p. 49).

Como Angresano (1997) observa, Myrdal pede que os economistas confrontem continuamente “os fatos da vida” com as teorias. Para Myrdal (1939), os economistas deveriam formular uma concepção realista do processo econômico através da adoção de “elementos do senso comum” em sua pesquisa. Nesse sentido, esta concepção, derivada do método indutivo, deve ser confrontada com as concepções advindas de conceitos abstratos e do método dedutivo (Myrdal, 1939). A relação entre teoria e “fatos da vida”, porém, não é simples.

Theory (...) must always be a priori to the observations of facts. Indeed, facts as part of scientific knowledge have no existence outside such a frame. (...) If theory is thus a priori, it is, on the other hand, a first principle of science that facts are sovereign. Theory is, in other words, never more than a hypothesis. When the observations of facts do not agree with a theory, i.e. when they do not make sense in the frame of the theory utilized in carrying out the research, the theory has to be discarded and replaced by another one which promises a better fit (Myrdal, 1957, p. 160).

Ao estudar o processo de desenvolvimento econômico, Myrdal (1957) partiu da hipótese¹⁰ de que as desigualdades dentro de uma mesma economia ou entre diferentes economias tendem a persistir e a aumentar. Estes “fatos da vida” representavam, à época, uma causa fundamental das tensões internacionais. Contudo, não estavam no centro do palco da maior parte da literatura sobre desenvolvimento, que era dominada pela “fé” de que o livre jogo das forças do mercado tenderia a eliminar as desigualdades e desencadear um movimento em direção a uma posição de equilíbrio estável¹¹. Este equilíbrio seria caracterizado, ainda de acordo com os pressupostos da economia clássica, pela eficiente alocação de recursos disponíveis e a exploração do crescimento potencial da economia. Assim, para Holt e Pressman (2009, p. 79),

In contrast to the predictions of the Samuelson–Stolper theorem, where incomes throughout the world become more equal due to the movement of resources, for Myrdal poverty persists in underdeveloped areas and the gap between rich and poor nations grows over time –

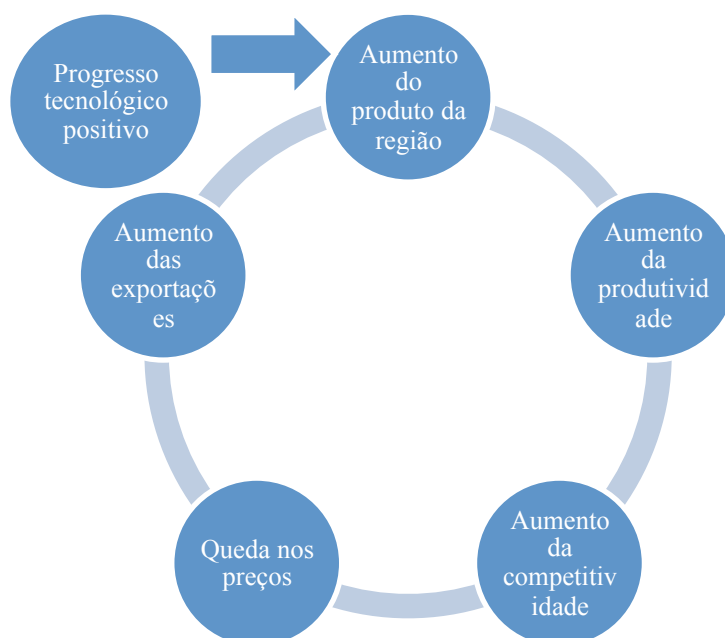
¹⁰ Myrdal (1970, pp. 15–16) afirma “*that beliefs, unlike valuations, are propositions that can be falsified*”.

¹¹ Para Pluta (2009, p. 4), a noção de equilíbrio utilizada pelos economistas tem sua origem na física newtoniana: “*Attracted to the novelty and logic of Newton’s arguments, many intellectuals sought to apply them to areas outside of physics. As the eighteenth century began, leading European thinkers became increasingly enamored of Newton’s mechanistic view and of the prospect of scientific measurement. (...) With the passage of time, a relatively large group of economists has come to accept some scientific and economic concepts more than others but has consistently built upon Newton’s equilibrium model*”.

unless something is done to help underdeveloped countries and reverse the cumulative process of decline.

Para reconciliar sua visão sobre os “fatos da vida” com a teoria econômica, Myrdal propunha uma abordagem denominada de *causação circular cumulativa*, que seria uma teoria alternativa à noção de equilíbrio estável utilizado pelos economistas contemporâneos (Myrdal, 1957, p.19). Myrdal desenvolveu essa ideia de *causação circular cumulativa* no começo da década de 1940, quando estudava as condições sociais dos afro-americanos nos Estados Unidos (Gumiero, 2011). A partir do Gráfico 1, elaborado com base no trabalho de Armstrong e Taylor (2000), podemos entender melhor o processo de *causação circular cumulativa*.

Figura 1 – O processo de causação circular cumulativa



Fonte: Adaptado de Armstrong e Taylor (2000).

A partir da noção de CCC, Myrdal (1957) afirmou que, ao contrário da teoria neoclássica que propõe a existência de um equilíbrio estável, existe a possibilidade de equilíbrios múltiplos através de, por exemplo, um aumento do progresso tecnológico (evento A). Um avanço no progresso tecnológico significa um aumento da produção das firmas de certa economia (evento B). Ademais, o aumento do produto da economia implica em aumento da produtividade (evento C), que resulta em uma melhor posição competitiva da economia no cenário internacional (evento D). Uma maior produtividade e competitividade reduzem os preços dos produtos (evento E), provocando, portanto,

uma elevação nas exportações da economia (evento F). Como a Figura 1 mostra, uma elevação nas exportações impacta positivamente no produto da economia, o que reativa novamente o processo de causação circular cumulativa (Pluta, 2009).

The dynamics of this social system are determined by the fact that (...) there is circular causation, implying that, if there is change in one condition, others will change in response. Those secondary changes in their turn will cause new changes all around, even affecting the condition whose change we assumed initiated the process, and so on in further rounds. So the whole system will be moving in one direction or another, and it may even be turning around (...). There is no one basic factor; everything causes everything else. This implies interdependence within the whole social process. And there is generally no equilibrium in sight (Myrdal, p.774).

No contexto de estudos sobre a comunidade afro-americana, Myrdal começou a examinar este problema identificando os fatores econômicos responsáveis pelo complexo fenômeno que caracterizava a vida daquela comunidade. O desenvolvimento de tais estudos, porém, leva-o a concluir que, devido a intrincada natureza do fenômeno em estudo, a abordagem utilizada pelos economistas clássicos era inadequada para estudar a evolução das mudanças sociais. Portanto, Myrdal mostrou que a arbitrária distinção feita entre fatores econômicos e não econômicos é inadequada e enganosa para o estudo das mudanças das condições sociais, propondo em seu lugar a distinção entre fatores mais e menos relevantes para o estudo.

Em seu trabalho sobre a comunidade afro-americana Myrdal (1944) apontou que o pré-julgamento da população branca e o baixo padrão de vida da população negra eram os dois motivos mais evidentes em atuação. Ambos os motivos tinham naturezas complexas, sendo influenciados por fatores econômicos, psicológicos, sociais e culturais. Além disso, todos estes fatores estavam interligados de modo que cada um deles determinava modificações nos demais.

A abordagem clássica de equilíbrio estável argumentava que a pobreza da comunidade afro-americana era o resultado da combinação de forças opostas, econômicas e não econômicas, que desencadearia um movimento em direção a uma posição natural e necessária. Contudo, Myrdal (1957) mostrou que essas forças contrárias não levavam necessariamente a uma posição de equilíbrio estável. Na visão de Myrdal, devido às interligações entre os diversos fatores, variações em alguns deles modificariam os demais, gerando novas interações e um processo cumulativo. Assim, Myrdal apontou o papel de políticas sociais do Estado, que poderiam desencadear movimentos cumulativos nos fatores relevantes em atuação.

Em seus trabalhos posteriores, trabalhando especificamente sobre problemas de desenvolvimento econômico, Myrdal elaborou uma teoria mais refinada do que a desenvolvida durante a década de 1940. Em primeiro lugar, para argumentar em favor de sua abordagem, Myrdal tornou mais claro que as suas hipóteses sobre quais as forças mais importantes que dirigiam as mudanças sociais são diferentes daquelas prevalentes na abordagem clássica de equilíbrio estável. Essas forças caracterizam a dinâmica do processo de mudanças social de duas formas.

The notion of stable equilibrium is normally a false analogy to choose when constructing a theory to explain the changes in a social system. What is wrong with the stable equilibrium assumption as applied to social reality is the very idea that a social process follows a direction – though it might move towards it in a circuitous way – towards a position which in some sense or other can be described as a state of equilibrium between forces. Behind this idea is another and still more basic assumption, namely that a change will regularly call forth a reaction in the system in the form of changes which on the whole go in the opposite direction to the first change. (...) The idea I want to expound in this book is that, on the contrary, in the normal case there is no such a tendency towards automatic self-stabilization in the social system. The system is by itself not moving towards any sort of balance between forces, but is constantly on the move away from such a situation. In the normal case a change does not call forth countervailing changes but, instead, supporting changes, which move the system in the same direction as the first change but much further. Because of such circular causation as a social process tends to become cumulative and often gather speed at an accelerating rate (Myrdal, 1957, pp. 12–13).

Em segundo lugar, Myrdal criticou o conteúdo de parte da literatura econômica, particularmente a abordagem do equilíbrio estável, que considerava uma construção teórica razoável para a análise do processo de desenvolvimento com foco apenas na interação entre fatores econômicos, mas não levava em consideração os fatores não econômicos. Para Myrdal, a hipótese de que mudanças nos fatores não econômicos são irrelevantes para o estudo das mudanças sociais é insustentável, uma vez que mudanças nos fatores econômicos impactam sobre fatores não econômicos, resultando, portanto, na intensificação do processo cumulativo. Assim, Myrdal observou que a “*economic theory will have to deal with all the relevant factors if it wants to be realistic; general economic analysis will have to become social theory*”¹² (Myrdal, 1957, p. 100).

¹² “*Ideally the scientific solution of a problem like the Negro problem should thus be postulated in the form of an interconnected set of quantitative equations, describing the movement – and the internal changes – of the system studied under the various influences which are at work. That this complete,*

Na subsequente discussão dos elementos afetando o processo de desenvolvimento, Myrdal (1957) observou que sempre há forças contrárias em ação, mas que, em sua opinião, aquelas promovendo o movimento de causação circular cumulativa tendem a prevalecer, especialmente em países menos desenvolvidos. Dentro deste contexto Myrdal discute a existência dos efeitos “*backwash*” e “*spread*”.

O efeito “*backwash*” produziria uma tendência de concentrar as atividades econômicas em certas áreas, deixando as demais em situações de desvantagem. Para Myrdal (1957), a maioria das atividades econômicas e, em conexão com estas, uma grande parte de aspectos culturais como arte, literatura, ciência, educação, entre outros, florescem onde já existe um alto grau de desenvolvimento. Uma vez que tais áreas dispõem de melhor infraestrutura e serviços para as firmas e a população, Myrdal concluiu que essas áreas poderiam atrair empresários, trabalhadores qualificados e novas firmas.

Por outro lado, o efeito “*spread*” tenderia a expandir as atividades econômicas para novas áreas. Isto ocorreria devido ao grande número de firmas operando em vários segmentos industriais e pelos altos salários pagos nas áreas desenvolvidas. De acordo com Myrdal (1957), estes efeitos seriam mais fortes nos países ricos do que nos países pobres, sendo que as áreas beneficiadas pelo efeito “*spread*” estão localizadas próximas as áreas altamente desenvolvidas. Na visão de Myrdal, o efeito “*backwash*” tenderia a dominar sobre o efeito “*spread*”, particularmente nos países subdesenvolvidos. Então, embora sempre existam forças “contratendeciais” que levam a produzir condições de igualdade, porém, Myrdal (1957) afirmou que a tendência geral é de uma crescente desigualdade.

Esta conclusão coloca no centro da análise o papel do Estado, que Myrdal examinou em conjunto com a das relações internacionais como o comércio internacional, a cooperação tecnológica e a política. De acordo com Myrdal, as modernas economias industriais aprenderam a como se a formular políticas aptas a neutralizar os efeitos não desejados da causação cumulativa e prevenir o aumento da desigualdade (Myrdal, 1957). Para Myrdal, a emergência de um novo papel para o

quantitative and truly scientific formulation is far beyond the horizon does not need to be pointed out; but in principle it could be made, and I submit that the working out of such a complete and quantitative solution should be the aim of our research endeavours even when they have to stop far from the ideal” (Myrdal, 1957, p. 19).

“To the credit of (the stable equilibrium) assumption can be counted that it represents an easily available theoretical means to comprehend and demonstrate in a simple manner the universal inter-dependence between all the factors in the economic system. It constitutes also an almost indispensable logical step in many economic arguments.”(Myrdal, 1957, p. 9)

Estado foi o resultado de um longo processo histórico, que transformou o velho “Estado opressor” (*Oppressor State*) em um “Estado do bem-estar social” (*Welfare State*). Durante este processo haveria contínuas interações entre crescimento econômico, aumento da democracia, reformas sociais e políticas, intervenções estatais, melhores condições sociais e econômicas, entre outros.

Ao relembrar a experiência histórica, Myrdal afirmou que políticas igualitárias foram adotadas em maior medida nos países desenvolvidos do que nos países subdesenvolvidos. Esta diferença é devida parcialmente ao alto custo dessas políticas e parcialmente às condições sociais e políticas dos países subdesenvolvidos, onde institucionais feudais e outras institucionais não igualitárias e fortes estruturas das elites dominantes tendem a prevalecer. Para Myrdal (1957, p.40),

Egalitarian policies therefore meet with greater difficulties in a poorer country, although it needs them more because the weakness of the spread effects has created greater inequalities. This is yet another example of circular causation in the cumulative process: again 'poverty becomes its own cause'.

Nos países desenvolvidos, por outro lado, a interação positiva entre desenvolvimento, igualdade e democracia produziu importantes resultados. O progresso econômico melhorou as condições sociais e produziu maior segurança para todos. Isso teria fortalecido o ideal de “racionalidade da comunidade”, tornando as pessoas “*feel freer to give up privileges, and to let down barriers which keep others out and (...) more prepared to carry the costs of common burdens*” (Myrdal, 1957, p. 40). A intensificação das políticas igualitárias aumentou o nível educacional da população, promovendo, portanto, uma base mais firme para a democracia, que, por sua vez, forçou os Estados a agirem de forma mais consistente em favor do interesse geral.

A descrição de Myrdal destes eventos refletia as tendências positivas das economias desenvolvidas e o clima político e cultural das décadas de 1950 e 1960. A análise de Myrdal representava com precisão as esperanças e as realizações daquele período, mas pode parecer anacrônico à luz das mais recentes experiências e subsequentes elaborações teóricas. Algumas nações desenvolvidas, segundo Myrdal (1957), atingiram uma situação na qual as grandes desigualdades foram parcialmente eliminadas e as oportunidades para os jovens tornaram-se mais iguais. As políticas estatais estavam aptas a integrar interesses dos diferentes grupos e regiões, gerando uma harmonia de interesses, que

is, however, not the old harmony of natural law, utilitarianism and the economic equilibrium theory, brought about by natural forces in the market. It is to a large extent a 'created harmony', created through policy interferences by organized society with the operation of market forces which, if left to themselves, would have led to disharmony (Myrdal, 1957, pp. 48–9).

A postura de Myrdal em favor da intervenção estatal não era tão ingênua a ponto de não levar em consideração os problemas advindos da administração da política fiscal. A experiência de Myrdal em sua passagem pelo governo sueco mostrou que o mesmo auto interesse que dirige os mercados, levava, na esfera política, a pressões sobre as decisões de políticas fiscais, que objetivam afetar a distribuição de renda. Kindleberger (1987) e Angresano (1997) relembram a opinião de Paul Samuelson, publicada na *Manchester School* em 1951, de que a análise de Myrdal sobre esses problemas antecipava os argumentos propostos por Olson e Buchanan. Assim, Myrdal cedo percebeu as dificuldades relacionadas à dimensão do orçamento do governo e do fato de que as tentativas em perseguir, através de políticas intervencionistas, um crescimento constante e uma sociedade mais justa tornava necessário encontrar soluções que eram cada vez mais complexas.

Em resumo, Myrdal propôs uma visão do processo de desenvolvimento na qual as economias são vistas como “organismos sociais” que, através da experiência, podem adquirir uma maior capacidade para resolver problemas coletivos de alta complexidade. Dentro desta visão, a influência das forças econômicas é tão grande quanto as forças sociais e políticas. O importante a ressaltar é que as intensas relações conexões são estabelecidas entre os indivíduos, de modo que as instituições tornam possível identificar problemas comuns e formular estratégias com o intuito de fornecer soluções. Como consequência, elementos como coesão e integração social, princípios de reciprocidade, regras do jogo, democracia e educação contribuem de maneira importante para o correto funcionamento dessas estratégias. Esta visão levou Myrdal a considerar as teorias econômicas como uma teoria social, tornando-se, assim, no maior representante da escola institucionalista depois da II Guerra Mundial (Reynolds, 1984; Streeten, 1992; Angresano, 1997).

As características da abordagem de Myrdal, porém, não se tornaram dominantes na literatura econômica. Não obstante esse fato, a nova teoria do crescimento, que dominam a literatura econômica desde a década de 1980, adotaram dois pontos da abordagem de Myrdal: a relevância de fatores não econômicos e a

persistência da desigualdade (Helpman, 2004). Contudo, os teóricos da nova teoria do crescimento utilizaram aqueles dois pontos dentro de uma abordagem de equilíbrio estável, gerando, em muitos casos, análises e interpretações que, ao contrário do que foi exposto por Myrdal, não mostram as interações circulares e cumulativas entre forças econômicas e não econômicas como o mecanismo que gera uma persistente e crescente desigualdade. No entanto, parte desta literatura tomou uma linha diferente, observando que as análises podem mostrar a existência de múltiplos equilíbrios e armadilhas de pobreza (Azariadis e Stachurski, 2005).

4. Considerações finais

O exame dos trabalhos de Myrdal permite discernir uma concepção diferente de desenvolvimento econômico daquela prevalecente na teoria neoclássica: as economias são vistas como organismos sociais, que podem adquirir, através de um crescente esforço, uma melhor capacidade para resolver os problemas sociais mais complexos e aumentar o nível de desenvolvimento social e econômico. A abordagem de Myrdal atribui igual importância aos fatores econômicos e não econômicos, reconhecendo que elementos não econômicos como coesão e integração social, princípios de reciprocidade, regras do jogo, democracia e educação podem contribuir para o sucesso no processo de desenvolvimento econômico.

Para Myrdal, a teoria econômica é uma teoria social, uma visão que atualmente possui um consenso limitado na literatura econômica. Na verdade, a recente literatura econômica é dominada pelas novas teorias do crescimento que, desde a década de 1980, substituíram a tradicional teoria neoclássica do crescimento proposta por Solow (1956). Estas novas teorias do crescimento, como a formulada por Solow (1956), privilegiam a descrição formal das análises. Contudo, essas abordagens adotaram dois elementos que são encontrados nos escritos de Myrdal, reconhecendo que o livre jogo das forças do mercado não tende a eliminar a desigualdade entre os países desenvolvidos e os países subdesenvolvidos (Helpman, 2004) e atribuem crescente importância à influência de fatores não econômicos sobre o crescimento potencial das economias.

O objetivo principal deste trabalho foi mostrar como a elaboração da teoria da CCC de Myrdal sofreu influências dos trabalhos de Allyn Young, Nicholas Kaldor, Knut Wicksell e Thorstein Veblen (O'Hara, 2009; Pluta, 2009). Dessa forma, a teoria da CCC de Myrdal está situada entre os trabalhos desses autores, permitindo uma

formulação de uma análise mais ampla do processo de desenvolvimento econômico. Pela palavra “desenvolvimento”, Myrdal não quer dizer apenas o mero crescimento da produção. A elaboração da teoria da CCC de Myrdal inclui fatores econômicos e não econômicos, assim como elementos do lado da demanda e da oferta. Assim, a teoria da CCC de Myrdal deve ser posicionada entre a teoria da CCC do tipo de Young-Kaldor e a teoria da CCC elaborada pela Escola Institucionalista. Nesse sentido, a teoria da CCC de Myrdal pode estar apta a integrar aquelas duas correntes dentro de uma única abordagem teórica.

Em relação aos fatores institucionais na teoria da CCC, Myrdal insiste que os fatores econômicos e não econômicos devem ser incluídos nas análises do processo de desenvolvimento econômico. Esta afirmação significa uma crítica indireta às análises de causalção circular e cumulativa desenvolvidas por Young-Kaldor, que não levam muito em consideração os fatores institucionais em seus estudos, assim como uma crítica à Escola Institucionalista, que tende a explicar as mudanças socioeconômicas somente pelos fatores institucionais.

Como foi exposta ao longo do estudo, a teoria da CCC de Myrdal introduz a possibilidade e a necessidade de reformas sociais através de políticas estatais. Nesse sentido, a teoria da CCC também é diferente da abordagem proposta por Veblen, o qual insiste na “seleção natural das instituições”. Por outro lado, embora seja comum à Myrdal e Kaldor advogar estratégias políticas a partir da teoria da CCC, a teoria da CCC elaborada por Myrdal tem uma “metodologia especial”, pois admite a introdução de julgamentos de valores ou várias políticas ótimas, diferenciando-o das propostas políticas feitas por Kaldor.

A teoria da CCC de Myrdal pode servir como um indicador da direção dos posteriores desenvolvimentos da teoria da causalção circular cumulativa. Podemos encontrar em Hodgson (1989), Setterfield (1997) e McCombie e Roberts (2009) tentativas de adaptar a lógica da abordagem da CCC, isto é, o “processo de polarização” como na teoria da CCC de Kaldor, e as influências das novas tecnologias e mudanças institucionais.

5. Bibliografia

- ALMEIDA, T. V. Uma Análise Crítica ao Modelo do “Novo Consenso”. Dissertação de mestrado apresentada no Instituto de Economia da UFRJ, 2009.
- ANGRESANO, J. The Political Economy of Gunnar Myrdal: An Institutional Basis for the Transformation Problem, Cheltenham, UK and Northampton, MA, USA: Edward Elgar, 1997.
- ARMSTRONG, H.; TAYLOR, J. Regional Economics and Policy. 3ª ed. London: Blackwell Publishing, 2000.
- AZARIADIS, C.; STACHURSKI, J. Poverty Traps. In: AGHION, P.; DURLAUF, S. (Orgs.). Handbook of Economic Growth, Volume 1. Amsterdam: Elsevier, 2005.
- BERGER, S. Myrdal’s Institutional Theory of the State: From Welfare to Predation--- and Back? Journal of Economic Issues, 43 (June): 353-360, 2009.
- BOIANOVSKI, M.; TRAUTWEIN, H. Wicksell after Woodford. Journal of the History of Economic Thought. Jun. 2006, Vol. 28, Issue 2, p171, 2004.
- CARVALHO, F. C. et al. Economia monetária e financeira. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- CIMOLI et al. Cambio estructural, heterogeneidad productiva y tecnología en América Latina. In: CIMOLI, M. (Org.) Heterogeneidad estructural, asimetrías tecnológicas y crecimiento en América latina. Santiago de Chile: CEPAL, 2005.
- COSTA, F. N. Knut Wicksell. 2010. Disponível em: < <http://fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2010/02/knut-wicksell.pdf> >
- EDQUIST, C. Systems of Innovation: Technologies, Institutions and Organizations. London: Pinter/Cassell, 1997.
- FAJNZYLBER, F. Industrialização na América Latina: Da “caixa-preta” ao conjunto vazio, 1990. In: BIELSCHOWSKY, R. (Org.) Cinquenta anos de pensamento na CEPAL. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- FREEMAN, C. The Economics of Industrial Innovation. Mit Press, Cambridge, 1997.
- GONTIJO, C. A teoria das crises financeiras: uma apreciação crítica. (2011). Disponível em: < <http://www.anpec.org.br/encontro2009/inscricao.on/arquivos/000-14949779f3bcdabd4b9a60b923456027.pdf> >.
- GUMIERO, R. G. Diálogo das teses do subdesenvolvimento de Rostow, Nurkse e Myrdal com a teoria do desenvolvimento de Celso Furtado. 2011. Disponível em: < <http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201204271844510.Dissertacao%20-%20Rafael%20Gon%C3%A7alves%20Guimiero.pdf> >.
- HELPMAN, E. The Mystery of Economic Growth. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2004.
- HODGSON, G. M. Institutional rigidities and economic growth. Cambridge Journal of Economics, Vol.13, pp.79-101, 1989.
- HOLT, R.; PRESSMAN, S. Nicholas Kaldor and cumulative causation: public policy implications. In: BERGER, S. (Org.) The foundations of non-equilibrium economics: the principle of circular and cumulative causation. London and New York: Routledge, 2009.
- KALDOR, N. Cases of the slow rate of economic growth of the United Kingdom. Cambridge University Press, 1966.
- _____. The case for regional policies. Scottish Journal of political Economy, v. 17, pp. 337-348, 1970.
- _____. The Irrelevance of Equilibrium Economics. 1972. Disponível em: < <http://cas.umkc.edu/econ/economics/faculty/Forstater/506/506readings/irrelevance%20of%20equilibrium%20economics.pdf> >.

- KINDLEBERGER, C. P. Gunnar Myrdal, 1898–1987. *Scandinavian Journal of Economics*, 89(4), 393–403, 1987.
- McCOMBIE, J.; ROBERTS, M. On competing views of the importance of increasing returns, cumulative causation and path-dependence. In: BERGER, S. (Org.) *The foundations of non-equilibrium economics: the principle of circular and cumulative causation*. London and New York: Routledge, 2009.
- MARSHALL, A. *Princípios de economia*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- MILL, J. S. *Princípios de economia política com algumas de suas aplicações à filosofia social*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- MYRDAL, G. *Monetary Equilibrium*. Glasgow: William Hodge, 1939.
- _____. *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*, New York: Harper, 1944.
- _____. *Economic theory and underdeveloped regions*. Harper and how, 1957.
- _____. *Objectivity in Social Research*. London: Duckworth, 1970.
- _____. *Against the Stream: Critical Essays on Economics*. Pantheon, 1972.
- _____. *Institutional Economics*. *Journal of Economic Issues* 12 (December): 771-785, 1978.
- O'HARA, P. A. The principle of circular and cumulative causation: Myrdal, Kaldor and contemporary heterodox political economy. In: BERGER, S. (Org.) *The foundations of non-equilibrium economics: the principle of circular and cumulative causation*. London and New York: Routledge, 2009.
- PLUTA, J. E. *Evolutionary Alternatives to Equilibrium Economics: A Suggested Research Agenda*. 2009. Disponível: < http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1444097 >.
- REYNOLDS, L.G. 'Myrdal'. In: SPIEGEL, H.W.; SAMUELS, W.J. (Orgs.), *Contemporary Economists in Perspective*, Greenwich, Conn.: J.A.I. Press, 1984.
- RICARDO, D. *Princípios de economia política e tributação*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- SCHUMPETER, J. *History of economic analysis*. Inglaterra: Routledge, 2006.
- SETTERFIELD, M. *Rapid Growth and Relative Decline: Modelling Macroeconomic Dynamics with Hysteresis*. London: Macmillan, 1997.
- SMITH, A. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- SOLOW, R. A Contribution to the Theory of Economic Growth. *Quarterly Journal of Economics*, 70(1), 65–94, 1956.
- SOROMENHO, J. E. C. Hayek, Hicks e a ascensão do Walrasianismo. 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ecos/v21n2/a01v21n2.pdf> >.
- STREETEN, P. Gunnar Myrdal. In: EATWELL, J. L.; MILGATE, M.; NEWMAN, P. (Orgs.). *The New Palgrave Dictionary of Economics*, vol. 3. London: Macmillan, 1987.
- TONER, P. *Main Currents in Cumulative Causation: The Dynamics of Growth and Development*. London and Basingstoke: Macmillan, 1999.
- VEBLLEN, T. Why is Economics not an Evolutionary Science?. *Quarterly Journal of Economics*, Vol.12, pp.373-397, 1898.
- WICKSELL, K. *Lições de Economia Política*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1986.
- YOUNG, A. Increasing Returns and Economic Progress. *The Economic Journal*, Vol.38, pp.527-542, 1928.